



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
BACHARELADO EM AGROECOLOGIA

TATIANE FAUSTINO DA SILVA

CORPOS-TERRITÓRIOS DE VIDAS E LUTAS CAMPONESAS NO SERTÃO DO
PAJEÚ E AGRESTES DE PERNAMBUCO

AFOGADOS DA INGAZEIRA - PE

2024

TATIANE FAUSTINO DA SILVA

**CORPOS-TERRITÓRIOS DE VIDAS E LUTAS CAMPONESAS NO SERTÃO DO
PAJEÚ E AGRESTES DE PERNAMBUCO**

Trabalho de Conclusão de Curso na forma de Memorial
submetido ao curso de Bacharelado em Agroecologia da
Universidade Federal Rural de Pernambuco como
requisito parcial para a obtenção do título de Bacharela
em Agroecologia

Orientadora: Prof. Dra. Maria Virgínia de Almeida
Aguiar

Coorientadora: Prof. Dra. Flávia Mendes de Andrade e
Peres

AFOGADOS DA INGAZEIRA - PE

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Sistema Integrado de Bibliotecas
Gerada automaticamente, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S586c Silva, Tatiane
CORPOS-TERRITÓRIOS DE VIDAS E LUTAS CAMPONESAS NO SERTÃO DO PAJEÚ E AGRESTES DE
PERNAMBUCO / Tatiane Silva. - 2024.
48 f. : il.

Orientadora: Maria Virginia de Almeida Aguiar.
Coorientadora: Flavia Mendes de Andrade e Peres.
Inclui referências.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, , Recife, 2024.

1. Mulheres Camponesas. 2. Agroecologia. 3. Agrobiodiversidade. 4. Sertão do Pajeú. 5. Juventudes Camponesas. I. Aguiar, Maria Virginia de Almeida, orient. II. Peres, Flavia Mendes de Andrade e, coorient. III. Título

CDD

TATIANE FAUSTINO DA SILVA

**CORPOS-TERRITÓRIOS DE VIDAS E LUTAS CAMPONESAS NO SERTÃO DO
PAJEÚ E AGRESTES DE PERNAMBUCO**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do título de bacharela e aprovado em sua forma final pelo Curso Bacharelado em Agroecologia.

Recife/PE, 05 de março de 2024

Profa. Maria Virgínia de Almeida Aguiar, Dra.
Coordenação do Curso

Banca examinadora

Profa. Maria Virgínia de Almeida Aguiar, Dra.
UFRPE
Orientadora

Profa. Ana Cláudia de Lima Silva, Dra
UFRPE

Prof. José Nunes da Silva, Dr.
UFRPE

Graciete Gonçalves dos Santos, Msc.
Casa da Mulher do Nordeste

Dedico este trabalho às minhas avós, Iracema Tereza de Jesus e Maria José da Silva, (*in memoriam*), duas mulheres camponesas que não tiveram a oportunidade de estudar, mas foram as grandes mestras da minha vida.

AGRADECIMENTOS

Não se cursa um curso sozinha. É necessária uma rede de apoio afetivo e acadêmico. Expresso aqui toda minha gratidão a todas as pessoas que desempenharam um papel fundamental na minha vida e trajetória acadêmica.

Anna Guilhermina, Ana Sabrina, Benoni, Bruno, Caroline, Danielle, Gilberto, Gilson, Jaislânia, Iris Maria, Joaquim, João Pedro, Micael, Raul, Samara, Soraya e Thiago, expresso muito amor e gratidão à vida pela oportunidade de estudar e estar com vocês neste curso. Vocês são pessoas maravilhosas que me inspiraram. A construção e concretização da primeira turma de Agroecologia são, sem dúvida, uma realização nossa, junto aos nossos queridos e queridas docentes.

À minha mãe, Marlene Faustino, e ao meu pai Simião Alfredo, e a toda família agradeço por estarem sempre ao meu lado nos momentos bons e difíceis. Sei que me distanciei geograficamente e presencialmente muitas vezes, mas agradeço profundamente e verdadeiramente pelo cuidado que tiveram comigo nos estudos, na alimentação e por acreditarem em mim. Desculpem pelas ausências, pelas poucas palavras faladas nos últimos anos. Meu coração está sempre cheio de vocês por onde ando.

Á Gildo, meu companheiro, obrigada pela sua alegria, pelo seu sorriso, pelas gracinhas e piadas. A vida é mais divertida e feliz ao seu lado. Agradeço pelo seu acolhimento e abraço quentinho, pelas viagens, pelo apoio financeiro que permitiu que eu continuasse no curso no momento em que estive sem bolsa. Obrigada por compartilhar sonhos, utopias, trilhas e viagens. Pela parceria na cozinha já que fizemos juntos muitas comidinhas que alimentam o corpo e a alma. Agradeço pelo incentivo nos momentos em que pensei em desistir do curso e por escolher dividir comigo os caminhos conhecidos e desconhecidos dos trabalhos e da vida na agroecologia. Nossa caminhada tem sido instigante, cheia de conhecimentos, saberes, sabores, amorosidade e belezas da natureza.

Agradeço às camponesas e camponeses que abriram suas casas, seus roçados, seus quintais, suas hortas urbanas, seus mangues, seus sistemas agroflorestais nos seus agroecossistemas nos seus territórios de vida. Com vocês nosso curso ficou mais rico, cheio de sentidos e significados. Vocês foram e são meu maior incentivo para continuar estudando e contribuindo com os territórios camponeses.

Às sertanejas, Ana Sabrina, Caroline, Íris, Jaislânia, Samara e Soraya, minhas amigas e colegas camponesas de curso, obrigada por tornarem esta jornada no Bacharelado em Agroecologia mais leve e amorosa. Obrigada por compartilharem risadas, experiências de

vida e respeito aos tempos e diferenças de cada uma. A existência de vocês torna o mundo melhor e é potente e gracioso estar na mesma luta que vocês.

À minha querida orientadora, Virgínia Almeida, que acompanhou partes dos meus exercícios, relatos de experiências técnicas e "bord-ações", ao longo do curso e agora na escrita do meu memorial, gratidão pelo acolhimento, paciência, amizade, incentivo e por ser uma professora tão comprometida com a educação e com o campesinato. Suas exigências e organização contribuíram e inspiraram meu desenvolvimento principalmente na escrita.

A minha coorientadora Flávia Perez, pela paciência, tranquilidade e acolhimento.

A Casa da Mulher do Nordeste que me apresentou o feminismo e a agroecologia, abrindo as portas, tanto em sua organização, quanto no mundo. Em particular, expresso gratidão a Graciete Santos pela amizade de tantos anos e pelo apoio nas lutas e na vida.

A Comissão de Jovens Multiplicadores da Agroecologia, agradeço por apontar os caminhos da juventude agroecológica, dividindo suas importantes experiências e desafios na agroecologia nos territórios do Sertão do Pajeú, dos Agrestes e das Matas de Pernambuco.

À equipe do Centro de Desenvolvimento Agroecológico Sabiá, especialmente a Janaina Ferraz, muito obrigada por abrirem as portas e acreditarem em mim. Vocês me emocionaram e fortaleceram minha caminhada na agroecologia com suas histórias profissionais na busca e construção de um mundo melhor e agroecológico.

A professora e Professor da banca examinadora, Ana Cláudia, José Nunes e a querida Graciete Santos da Casa da Mulher do Nordeste, que aceitaram fazer parte dessa construção, pelas importantes críticas construtivas e direcionamentos no texto.

Às mulheres da Rede de Mulheres Produtoras do Pajeú, agradeço pela sororidade, por me receberem no Estágio Supervisionado Obrigatório I e por construírem um feminismo popular, camponês, ecológico e revolucionário. Ao Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada (IRPAA), agradeço pela luta socioambiental no semiárido.

As funcionárias Cléia e Dani e ao funcionário Jerry que sempre estiveram de prontidão para nos ajudar. Por fim, obrigada aos nossos queridos e queridas professoras e professores: Ana Dubeux, Angelo Chaves, Aristeu Júnior, Caroline Bionde, Cícero (Ciço), Cláudia Cardoso, Cláudio Câmara, Ednilza Santos, Eliane Freitas, Felipe Jalfim, Fernando Porto, Filipe Silva, Flávia Peres, Gilvânia Oliveira, Horasa Silva, Joanna Lessa, Jorge Tavares, Júlia Benzaquen, Laeticia Jalil, Laura Duque, Leanes Cordeiro, Lorinalda Silva, Marcos Figueredo, Monica Lins, Monica Panetta, Nunes Silva, Paulo Afonso (*in memoriam*), Rafael Braz, Virginia Almeida, Walter Evangelista e Zênia Tavares, gratidão por terem feito este curso

com tanto carinho, acolhimento, escuta e muita sabedoria na construção de uma educação inclusiva e libertadora, principalmente para os povos do campo.

Eu sou semente
Você é semente
Nós somos sementes
Nós juntos somos sementes
Nós não somos só mentes
Nós juntos somos sementes
Que sejamos as sementes que voam
Com o vento atrás de uma terra para nascer
Que sejamos uma semente danadinha que
afrouxa a terra
Uma semente que luta pela permanência na
terra sem agrotóxico, com educação e saúde no
campo e para o campo
Sem violências contra os povos dos campos
Sem violência para as mulheres
Sem violência para as diversidades de gente do
campo e da cidade
Que sejamos sementes nas universidades
Que lutam por um mundo melhor e mais justo,
Que sejamos mais que sementes que
alimentam,
Sejamos sementes revolucionárias nas
universidades, nas comunidades, nos
territórios, onde estejamos
Que sejamos sementes livres como as crianças
que brincam na terra
Sem medo!
Com alegria e coragem!

Tatiane Faustino (2022)

RESUMO

Este Memorial narra minha jornada no Bacharelado em Agroecologia da Universidade Federal Rural de Pernambuco (2019.2 a 2024.1), destacando minha identidade camponesa e temas como a agrobiodiversidade, a convivência com o semiárido, as juventudes e as mulheres camponesas e suas subjetividades. Utilizei metodologias como revisão bibliográfica de textos técnicos e acadêmicos, releitura e revisão dos relatórios das Vivências-campo e Universidade realizados durante o curso e pesquisa de vídeos e poesias sobre o Sertão do Pajeú, construção da minha linha do tempo e diálogos com a orientadora para aprofundar reflexões sobre os temas. Concluo que a formação em Agroecologia é importantíssima e necessária para o desenvolvimento de territórios ambientalmente, economicamente e socialmente justos.

Palavras-chave: Mulheres Camponesas; Agroecologia; Agrobiodiversidade; Sertão do Pajeú; Juventudes Camponesas.

ABSTRACT

This Memorial recounts my journey in the Bachelor's degree in Agroecology at the Universidade Federal Rural Universidade de Pernambuco (2019.2 to 2024.1), highlighting my peasant identity and themes such as agrobiodiversity, living with the semi-arid region, rural youth, and peasant women and their subjectivities. I used methodologies such as bibliographic review of technical and academic texts, reinterpretation and revision of the reports of Field Experiences and University activities carried out during the course, and research of videos and poems about the Sertão do Pajeú, construction of my timeline, and dialogues with the advisor to deepen reflections on the themes. I conclude that training in Agroecology is extremely important and necessary for the development of environmentally, economically, and socially just territories.

Keywords: Peasant Women; Agroecology; Agrobiodiversity; Sertão do Pajeú; Peasant Youth.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1– Eu Camponesa.....	17
Figura 2– Minha Família Camponesa (Sertaneja e Agrestina)	19
Figura 3– Os diversos espaços vivenciados para potencializar as aprendizagens no Bacep.....	25
Figura 4–Linha do Tempo de Tatiane Faustino no Bacep	26
Figura 5–Exemplos de Agrobiodiversidades vegetal e animal encontrada nos agroecossistemas.....	29
Figura 6– Uso de ferramentas participativas na optiva gênero, Feminismo e Agroecologia.....	34
Figura 7 – As diferentes formas de expressão artística das culminâncias das sertanejas.....	35
Figura 8 – Bordados políticos para evidenciar as mulheres camponesas nos agroecossistemas e nas lutas nos territórios.....	36
Figura 9–Intercâmbio de saberes nos semiáridos da América Latina no estado de Pernambuco.....	39
Figura 10–Planejamento participativo de uma agrofloresta junto a família de Ana e Anselmo.....	42

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ASA	Articulação no Semiárido Brasileiro
ATER	Assistência Técnica e Extensão Rural
BACEP	Bacharelado em Agroecologia
CJMA	Comissão de Jovens Multiplicadores e Multiplicadoras da Agroecologia
CMN	Casa da Mulher do Nordeste
CSC	Corredor Seco Centroamericano
DRP	Diagnóstico Rural Participativo
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
ESO	Estágio Supervisionado Obrigatório
FHC	Fernando Henrique Cardoso
FIDA	Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola
FLASCSO	Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais
GEMA	Grupo de Estudos, Sistematização e Metodologias em Agroecologia
GCA	Grande Chaco Americano
IPA	Instituto Agrônomo de Pernambuco
IRPAA	Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada
MAPA	Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento
MDA	Ministério do Desenvolvimento Agrário e Agricultura Familiar
MSTTR	Movimento Sindical de Trabalhadores/as Rurais
MMTR- NE	Movimento da Mulher Trabalhadora Rural do Nordeste
OMS	Organização Mundial de Saúde
ONGs	Organizações Não Governamentais
PAA	Programa de Aquisição de Alimentos
PDHC	Projeto Dom Helder Câmara
PPC	Projeto Pedagógico do Curso
PNAE	Programa Nacional de Alimentação Escolar
PRONAF	Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar
SAB	Semiárido Brasileiro
SAFs	Sistema Agroflorestais
SAN	Segurança Alimentar e Nutricional
SEMEAM	Rede de Sementes Crioulas do Agreste Meridional de Pernambuco
SERTA	Serviço de Tecnologia Alternativa

SISU	Sistema de Seleção Unificada
UAST	Unidade Acadêmica de Serra Talhada
UFRPE	Universidade Federal Rural de Pernambuco
VRC	Vivência RealidadeCampo
VU	Vivência Universidade

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
2	EU CAMPONESA	17
2.1	Uma Camponesa que chega á Universidade: Uma Universidade que chega a uma camponesa.....	22
2.2	Semeando, Cuidando e Colhendo Flores e Frutos – a construção dos conhecimentos agrocológicos na teoria e na prática.....	26
2.2.1	Sementes: vegetais e animais, bem comuns dos camponeses e camponesas.....	27
2.3	Mulheres Camponesas, corpos-territórios: agroecologia e organização social.....	33
2.3.1	Do roçado ao Bordado – Bordando arte, educação e subjetividades.....	36
2.3.2	Ater Feminista e Agroecológica em Rede.....	37
3	AS JUVENTUDES CAMPONESAS SÃO AS SEMENTES DA TRANSFORMAÇÃO: ATUANDO COMO EDUCADORA COM AS JUVENTUDES	38
3.1	Para viver no Semiárido é preciso aprender a conviver.....	40
4	CULTIVANDO AGROECOLOGIA E EDUCAÇÃO POPULAR NOS TERITÓRIOS CAMPONESES	44
	REFERÊNCIAS	46

1 INTRODUÇÃO

O presente memorial apresenta e registra os processos educativos vivenciados no Bacharelado em Agroecologia da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) no período de agosto de 2019 a março de 2024. Trago uma análise das minhas vivências, trajetórias e experiências ao longo de quase cinco anos, relacionando com o contexto da sociedade e minha vida pessoal e coletiva, contemplando as atividades de extensão, pesquisa e ensino e o estágio obrigatório.

Este memorial, expressa meu olhar e minha escrita camponesa sobre as vivências e memórias mais marcantes que permearam minha jornada no Bacharelado. Desenvolvi uma narrativa sobre a minha identidade camponesa e priorizei alguns temas para aprofundamento, como, a agrobiodiversidade, as mulheres camponesas e as juventudes camponesas na convivência com o semiárido. Para isso, adotei como metodologia leituras de todos os relatórios das Vivências Realidade-campo (VRC), construção da linha do tempo usando ferramentas de visualização (tarjetas), revisão bibliográfica dos textos sugeridos nas Vivências Universidade (VU) e outros textos relativos aos temas escolhidos, reflexão e análise dos estudos feitos a partir das Imersões nos Sertões e Agrestes, consulta e pesquisa de vídeos e poesias do sertão do Pajeú, diálogos com a orientadora, construindo perguntas orientadoras que ajudassem a refletir sobre cada uma das temáticas abordadas.

Ao refletir sobre a minha linha do tempo, elegi alguns temas que considerei centrais neste caminhar. O primeiro, as concepções teóricas sobre campesinidade que me fizeram refletir sobre o meu “Eu Camponesa”. O segundo, os diversos usos da agrobiodiversidade nos agroecossistemas feito pelas camponesas e camponesas para garantir a segurança alimentar e nutricional, geração de renda e reprodução do seu modo de vida e suas diferentes estratégias de conservação. O terceiro, as mulheres camponesas, a partir dos seus corpos-territórios e suas subjetividades, entendendo suas lutas pelos seus territórios: corpos e terra, compreendendo o cotidiano nos diferentes contextos, da vida pública e privada.

O quarto, as estratégias das Juventudes Camponesas para viver na Caatinga e para superar as dificuldades cotidianas e o quinto a Convivência com o Semiárido, por meio das práticas, e conhecimentos no manejo sustentável e nas práticas educacionais.

Não vivi essa jornada sozinha, mas compreendo minha importância dentro da turma, e percebo que tive um papel significativo na articulação, animação, acolhimento e também nas reflexões críticas, principalmente em evidenciar as mulheres camponesas, as violências

sofridas por elas e seu importante papel na construção da agroecologia. Senti que minhas colegas e meus colegas de turma confiam em mim para ajudá-los no que for preciso em suas dúvidas e vivências no Bacep.

Junto às demais Sertanejas, formamos um coletivo de camponesas feministas muito forte dentro do curso, trazendo sempre o “corpo-território” para afirmar que os corpos das mulheres existem, resistem e se afirmam, abalando as estruturas patriarcais por onde passam, resistindo sempre, para mudar o mundo e mudar nossas vidas a partir da agroecologia e do feminismo, na esperança de que um dia nossos territórios e todas nós sejamos livres da opressão, da exploração e de todas as formas de violência. Esse coletivo formou nosso grupo de autogestão durante todo o curso e compartilhou a construção de todas as culminâncias realizadas no final de cada semestre.

Boa leitura! Boas reflexões!

2 EU CAMPONESA

Vamos “mergulhar” nas minhas memórias e experiências vivenciadas no curso e na vida para compreender melhor os desafios e aprendizagens durante o curso. O Desenvolvimento está organizado em subitens relacionados aos temas escolhidos.

Logo no primeiro semestre do curso, o Professor José Nunes propôs um exercício sobre o tema do Camponato, onde deveríamos representar na forma de um desenho o "eu camponês e o eu camponesa". Na época, fiquei refletindo sobre o seu significado sem chegar a uma resposta. Hoje, ao revisitar o desenho da imagem 1 (Figura 1), analiso os elementos que eu trouxe. Eu me via como uma agricultora, mas como uma nova personagem no campo, distinta das agricultoras e agricultores ou do camponês tradicional.

Figura 1 - Eu Camponesa



Fonte: Autoria própria (2019).

Essa reflexão me fez pensar sobre o "eu ser ou não ser camponesa", pois nunca havia pensado sobre isso: afinal, o que vem a ser uma camponesa? Eu só me enxergava como "gente". Na escola da cidade, os alunos urbanos nos chamavam de “O do Sítio”. Essa expressão era uma forma de revelar preconceitos e diferenciar as pessoas do urbano e do rural. Quem era do sítio era considerada uma pessoa pobre, sem educação, sem inteligência e brutalizada. A partir dessa indagação, visitei minhas memórias e vivências familiares, da militância e da academia para compreender minha identidade camponesa.

Cheguei ao mundo puxada pelas mãos da minha avó, Iracema Tereza de Jesus, no dia 30 de maio de 1989, no sítio Lagoa D'dentro, localizado no município de Tabira-PE. Sou a sexta filha de um total de nove. Até completar quatro anos, vivemos nessa comunidade, compartilhando a vida com meus tios, tias, primas e primos, na terra do meu avô Alfredo e da avó Iracema.

Em casa, meu pai e minha mãe nos ensinavam que éramos ricos de todos os bens da natureza, pois tínhamos terra, o rio, os animais, a mata e alimentos de origem vegetal e animal para alimentar nossos corpos. Eles também nos ensinavam sobre a nossa identidade, afirmando que éramos agricultoras e agricultores familiares.

Um debate relevante sobre essa questão na região é sobre a construção política e a identificação da classe trabalhadora rural, que se auto define como agricultor e agricultora familiar, em vez de camponeses e camponesas. Essa afirmação e identidade estão vinculadas ao conceito e ao acesso às políticas públicas para a agricultura familiar brasileira desde os anos de 1995 no Governo de Fernando Henrique Cardoso (FHC) e, um marco importante nesse processo inclui a criação do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF), sendo amplamente debatido pelo movimento sindical de todo o país.

A partir do governo Lula em 2003, o acesso às políticas públicas foi ampliado para o meio rural, abrangendo áreas como saúde, água, distribuição e compra de alimentos através do Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e o Programa Nacional de Alimentação (PNAE), energia elétrica, saneamento, educação, crédito e assistência técnica e extensão rural (ATER). Nesse contexto, o campo visto a partir da sua diversidade, assume características de novidade e renovação. Aqui é revelada uma nova agricultura familiar como um novo protagonista, diferenciado, que teria assumido sua identidade de agricultor e agricultora sem sentir vergonha.

Refletindo mais detalhadamente sobre algumas dimensões do que é o campesinato, a autora Nazareth Wanderley (WANDERLEY, 1999)¹ afirma que o campesinato corresponde a uma destas formas particulares da agricultura familiar, e se constitui enquanto um modo específico de produzir e de viver em sociedade. Para ela, nas comunidades subsistem sistemas agrícolas que preservam características do campesinato tradicional, como a família sendo a unidade central para a produção e o consumo, a comunidade rural e o parentesco como unidades fundamentais. O campesinato se configura como uma das expressões da

¹Ao longo do texto citarei o primeiro nome das mulheres autoras, para reconhecê-las e valorizar suas contribuições para o campo de estudo em questão. Isso é importante para a equidade de gênero e para evidenciar a contribuição das mesmas na academia.

diversidade do campo brasileiro, que articula terra-trabalho-família em relações de interconhecimento, de coprodução e autogestão com a natureza. Mesmo diante das inúmeras opressões a que esteve e está submetido, sempre esteve integrado em menor ou maior grau às diversas práticas econômicas (mercantis ou não), demandando fazeres/saberes sócio-técnicos para os mais diversos fins. Além disso, existe uma organização social específica e uma maneira singular de gerenciar os recursos naturais, relacionados a um agroecossistema particular. Esses elementos são cruciais para a construção de uma identidade sociocultural camponesa.

Após revisitar, ler e refletir profundamente sobre a hipótese de ser ou não ser camponesa, do "eu camponesa" a partir da minha vivência familiar e universitária, percebo que sou camponesa sim, assim como minha família representada na figura 2, e que herdei todo um patrimônio de conhecimentos e racionalidades guiadas por três elementos estruturais: a família, a terra e o trabalho.

Figura 2 - Minha Família Camponesa (Sertaneja e Agrestina)



Fonte: autoria própria (2023) e (2024).

Ao mesmo tempo em que somos proprietários dos meios de produção (a terra e os insumos), assumimos o trabalho no sítio a partir das pessoas que constituem a família, bem como gerimos os recursos da natureza para suprir as necessidades, assim reproduzindo nosso

modo de vida camponesa. Sinto-me euforicamente feliz por fazer parte dessa "sociedade" tão importante para o mundo.

Permito-me trazer alguns aspectos importantes da infância, certamente, aqueles que mais me remetem ao campesinato tradicional, possibilitando a construção das memórias desses saberes. No período chuvoso (período que chamamos de inverno), aproveitávamos para tomar banho de chuva. Desde a infância, andando pela mata, passeando entre seus arbustos, subindo em árvores altas e baixas, desviando-nos das plantas retorcidas e espinhosas enquanto procurávamos pelo gado e as cabras. Para brincar de caçar, criávamos arapucas e aratacas para capturar lambu, codorna, juriti e preá, animais da Caatinga.

Além disso, na Caatinga, colhíamos umbu, resina de cajueiro e angico, casca de aroeira, juá e lenha. No roçado e na comunidade, colhíamos goiaba, manga, graviola, caju, casca de cajueiro roxo, vassourinha e pinhão roxo para tratar inflamações e dores de dente. No final da tarde, eu voltava para casa com os “couros quentes” e a pele bronzeada pelo sol, com aroma da folha de marmeleiro. Minha mãe tinha proibido que eu perambulasse pelas matas devido a uma dermatite na pele, mas eu era uma menina "maluvida" (teimosa) e fazia exatamente o oposto. No inverno, eu acompanhava meu pai no roçado para aprender a plantar milho, feijão, jerimum, melancia e quiabo. Apesar de ser uma criança tímida, sempre fui muito esperta, observadora e corajosa. Tinha o privilégio de participar de diversas atividades da família, seja no roçado, em casa, durante passeios e viagens. Desde cedo, fui absorvendo conhecimentos de diversas pessoas e culturas, e isso me encantava profundamente.

Também sou conhecida como Tati do Pajeú. Pajeú é o nome do território onde vivo! A região do Sertão do Pajeú é dominada pelo ecossistema Caatinga. O clima que prevalece nesta área é o tropical semiárido, caracterizado por um regime de chuvas concentrado em poucos meses. A média anual de precipitação no Sertão do Pajeú é de 750 mm (com variação de 250 mm a 800 mm, devido à grande diversidade da área), podendo ultrapassar 1.000 mm em algumas localidades, representando uma quantidade considerável de chuva (MALVEZZI, 2007).

A região do Pajeú se destaca por possuir uma cultura excepcionalmente rica, sendo berço de poesia, de cantadores e repentistas, sanfoneiros/as, artesãs, além de contar com uma organização política bastante antiga dos/as trabalhadores/as rurais. Esses estão presentes ativamente na política, nos conselhos, nas associações e nos grupos de mulheres.

Passo a conhecer a Agroecologia na adolescência por meio de uma organização não-governamental (ONG), chamada Casa da Mulher do Nordeste (CMN)², através do Projeto Dom Helder Câmara³ (PDHC), que prestou assessoria à Associação de Jovens e Adultos de Pajeú Mirim e Poço de Pedra de Tabira-PE, e posteriormente ao Grupo de Mulheres Beija Flor e ao Grupo de Jovens Flor de Mandacaru dos quais fiz parte, foi nesse contexto que ouvi pela primeira vez a palavra Agroecologia e fui resignificando o "eu camponesa".

Por influência da CMN e de meus pais, que participavam dos movimentos sociais, tornei-me uma camponesa militante, também. Em 2006, participei do Projeto Rita Quadros e fui beber da fonte do Movimento Sindical de Trabalhadores/as Rurais (MSTTR), participando de um curso que ofereceu formação técnica em caprino/ovinocultura, além de proporcionar formação social e política para jovens rurais de Afogados da Ingazeira-PE.

Eu almejava ser uma profissional como as mulheres técnicas da CMN, que trabalhavam com famílias agricultoras por meio da educação popular, da agroecologia e do feminismo. Essa admiração me motivou a voltar aos estudos e, assim, fui realizar o curso técnico em Agroecologia no Serviço de Tecnologia Alternativa (SERTA) entre 2008 a 2010. Para concluir este curso, realizei o estágio na CMN e permaneci trabalhando na organização por 5 anos no Projeto Mulheres na Caatinga e, posteriormente, na Chamada de Ater para Mulheres Rurais⁴. Durante essa vivência, tive a oportunidade de aprender sobre os processos participativos por meio de uma assessoria técnica feminista, numa perspectiva agroecológica voltada para as mulheres camponesas.

Em 2009 fui jovem multiplicadora do Projeto Algodão Agroecológico do PDHC. Em 2012 participei de duas experiências internacionais: o Encontro Feminista Latino-americano e do Caribe, na Colômbia e a outra em Quito-Ecuador na Escola Feminista na Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (FLACSO) com mulheres populares diversas da América Latina.

Desde os meus 13 anos, tenho dedicado minha vida aos movimentos sociais populares do campo, especialmente voltados para mulheres, para a convivência com o semiárido (na

²A CMN é uma organização não governamental feminista que há 43 anos contribui para a igualdade de gênero, em Recife e no Sertão do Pajeú, tem como missão fortalecer a autonomia econômica e política das mulheres, afirmando a agroecologia com base no feminismo e na igualdade racial (CMN, 2024).

³O Projeto Dom Hélder Câmara (PDHC), desenvolvido pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), e cofinanciado pelo Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola (Fida), busca reduzir os níveis de pobreza e de desigualdades no semiárido, qualificando as famílias para uma produção sustentável, e tem como eixo central a Assistência Técnica e Extensão Rural (Ater) (BRASIL. MAPA, 2024).

⁴ Chamada que fomenta serviços de assistência técnica e extensão rural para mulheres rurais, desenvolvendo atividades produtivas (agrícolas e não agrícolas) geradoras de renda para as mulheres, além de processos sociais formativos, considerando suas especificidades (BRASIL,MDA, 2023).

Articulação do Semiárido Brasileiro - ASA) e atualmente, estou envolvida no movimento de juventude camponesa, no coletivo Comissão de Jovens Multiplicadores/as da Agroecologia de Pernambuco⁵ (CJMA). Foi por meio desse coletivo que tomei conhecimento do processo seletivo do Bacep. É com essa bagagem que chego ao Bacharelado em Agroecologia.

2.1 Uma Camponesa que chega à Universidade: uma Universidade que chega a uma Camponesa

Eu escolhi o Bacharelado em Agroecologia da UFRPE por dialogar com a minha trajetória de vida e por mais três motivos. O primeiro, dialoga com os objetivos do curso - Formação de bacharéis e bacharelas - educadoras/es em Agroecologia, para atuar junto à agricultura familiar camponesa, a partir da Educação Popular, na construção de soluções sustentáveis e possíveis no campo e na cidade, com visão crítica, domínio técnico e sensibilidade. Eu queria ser uma educadora em Agroecologia.

O segundo motivo é por acreditar que é só através da luta, da educação contextualizada e da organização social popular que podemos mudar a vida. Eu acreditava que o Bacharelado em Agroecologia poderia ser uma grande oportunidade para estudar, experimentar, provocar e contribuir para mudanças na minha vida e nos territórios que venho trabalhando, Sertão do Pajeú e Agrestes de Pernambuco.

O terceiro, é que acredito, assim como previsto no Projeto Pedagógico do Curso (PPC), que a Agroecologia é uma ciência, um movimento e uma prática que valorizam e reconhecem os costumes ancestrais do campesinato e os novos estilos de agriculturas construídas pelos movimentos sociais e organizações não-governamentais, como condutas e lutas integradas para os territórios sustentáveis, que consideram as dimensões do social, do econômico, do ambiental e do cultural, e também reconhecem as lutas populares para construir políticas públicas e possibilidades para nossa casa comum: a Terra, numa luta pela vida digna e plena no campo e na cidade.

No processo seletivo de 2019, não fui inicialmente convocada na primeira lista de selecionados para ingressar no curso. Entretanto, fiquei em terceiro lugar na cota para filhas e filhos de agricultores, a qual eu escolhi. As duas candidatas à frente de mim não compareceram à chamada, possibilitando que eu assumisse a vaga disponível.

Não acreditei quando saiu o resultado da seleção, pois há treze anos eu havia concluído o ensino médio, e desde 2014 tentava uma vaga na universidade pública através do

⁵ A CJMA é um coletivo de Juventudes, tem como missão multiplicar os conhecimentos agroecológicos entre jovens e famílias agricultoras no estado de Pernambuco. Atua nas regiões da Mata Sul, Agrestes (central e setentrional) e Sertão do Pajeú, com assessoria do Centro Sabiá.

Sistema de Seleção Unificada⁶ (SISU). Durante três anos consecutivos busquei ingressar no Bacharelado de Agronomia na Unidade Acadêmica de Serra Talhada (UAST) da UFRPE, sem sucesso. O sonho de chegar à universidade parecia distante e impossível.

Após essas tentativas, passei a compreender que a universidade não foi originalmente concebida para pessoas como eu, nem para os membros da minha família que são camponeses. Uma instituição de ensino superior sem a representação do povo do campo contribui para a perpetuação das desigualdades sociais. Devido às atividades da vida camponesa, não tive tempo suficiente para dedicar-me à leitura de livros, à escrita e aos números. As sabedorias e conhecimentos que mais tinham relevância para nós estavam relacionados à vida e trabalho familiar na terra, à interpretação dos ciclos da natureza, e esses foram os ensinamentos mais marcantes vivenciados e transmitidos por meio da prática e da oralidade por minha família.

Hoje, apesar de ainda acreditar que a universidade não foi pensada para pessoas como eu, nem para aqueles como as pessoas da minha família que são camponesas, acredito que ela pode e deve ser construída e está, de fato, sendo transformada, especialmente através do Bacep e do sistema de cotas. “Educação não transforma o mundo. Educação muda as pessoas. Pessoas transformam o mundo” (FREIRE, 1979, p.84). Essa afirmação reflete a crença de que a educação não é apenas um meio de transmitir conhecimento, mas também uma ferramenta poderosa para capacitar pessoas para transformar suas realidades e, conseqüentemente, a sociedade em que vivem.

Não há reparação, sem participação! Assim sendo, considero o Bacharelado em Agroecologia muito importante para o povo do campo, pois seu público prioritário são os/as agricultores/as familiares e camponeses/as, assentados/as da reforma agrária, aquicultores/as e pescadores/as de base familiar, comunidades tradicionais, como extrativistas, quilombolas, indígenas, bem como lideranças e técnicos que atuam com os movimentos sociais do campo. Desta maneira demonstra responsabilidade pela busca de ampliação das possibilidades de ingresso e participação no ensino superior público brasileiro.

É por meio da cota destinada a agricultores familiares que ingressei no Bacep, em 12 de agosto de 2019. Sinto-me profundamente emocionada ao escrever neste momento, ciente do significado/conquista da construção que esse curso representa para os camponeses e as

⁶ “O Sisu é um sistema eletrônico gerido pelo MEC para as vagas ofertadas por instituições públicas de ensino superior de todo o Brasil. O sistema executa a seleção dos estudantes com base na média da nota do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) até o limite da oferta das vagas, por curso e modalidade de concorrência, de acordo com as escolhas dos candidatos inscritos e perfil socioeconômico para a Lei de Cotas” (BRASIL. SISU, 2024).

camponesas. Mais do que um curso superior, é uma realização e acesso ao direito à educação de qualidade e contextualizada. É importante reconhecer que sou a primeira mulher da minha enorme família a chegar nesse lugar tão significativo.

Lembro que nunca fui considerada uma boa aluna no ensino fundamental e médio. No entanto, neste curso, sou reconhecida como uma aluna exemplar, obtendo diversas notas 10. Isso, contudo, não me faz sentir superior aos demais, mas destaco a importância e o impacto da educação contextualizada. A análise do cenário em questão fortalece a perspectiva delineada por (CASTRO, 2015, p.10), “Educação contextualizada trabalha na perspectiva de uma educação que respeite os contextos, as identidades, a cultura e diversidade da região, uma educação que faça sentido na vida das pessoas no lugar onde vivem”.

Neste curso, senti uma valorização dos conhecimentos adquiridos na vida cotidiana e na militância, ao lado dos saberes acadêmico. Isso despertou em mim vontade, gosto e empenho para estudar, especialmente sabendo que posso aplicar esses conhecimentos na vida pessoal, comunitária e profissional.

Somos a primeira turma do Bacharelado em Agroecologia. Iniciamos o curso com 40 pessoas, e hoje estamos concluindo com 18. Dentre esses 18 estudantes, onze são camponeses e camponesas. Ao longo de nossa jornada, alguns colegas optaram por mudar para outros cursos, outros desistiram devido ao trabalho, e lamentavelmente perdemos a Ana Brasil e o Gabriel que faleceram precocemente.

Compreendendo a Agroecologia como uma ciência, movimento e prática que se fundamenta em uma abordagem intrincada, pluralista e sistêmica para analisar e intervir na realidade social, o curso foi experimentado a partir de uma perspectiva interdisciplinar. O elo integrador de todo o curso foi: Conhecer e transformar os etnoagroecossistemas⁷.

Nosso curso foi organizado em quatro eixos: I - Conhecer o etnoagroecossistema a partir das relações entre Agroecologia, Campesinato e Educação Popular, II Planejar e agir na transformação do etnoagroecossistema, III - Agir no etnoagroecossistema a partir da agroecologia, campesinato e educação popular, IV- Avaliar, analisar e sistematizar a ação no etnoagroecossistema.

⁷“Os etnoagroecossistemas consistem em ecossistemas com presença atuante da população humana, que vive e maneja seu ambiente para sua reprodução e constrói modos de vida socioculturalmente diferenciados. São uma importante ferramenta de análise que será utilizada durante todo o curso de forma a compreender a realidade social como um todo interdependente, imerso em relações complexas e dinâmicas”(UFRPE, 2023, p. 41).

Vivenciamos esses processos a partir da pedagogia da alternância e, assim os semestres foram organizados em cinco módulos: Vivência Universidade (VU)⁸, Imersão na Realidade, Vivência Comunidade/campo (VC)⁹, aulas virtuais de acompanhamento (que contribuíram no desenvolvimento e acompanhamento das atividades da vivência realidade-campo) e Culminância das atividades do semestre, conforme a Figura 3, onde era construído pelos grupos dos territórios, trazendo ludicidade aos processos educativos.

Figura 3: Os diversos espaços vivenciados para potencializar as aprendizagens no Bacep



Fonte: Arquivo Bacep (2020) e (2023).

Deste modo, vivenciando diferentes espaços de estudos para transformar e potencializar as aprendizagens na vida pessoal, comunitária e profissional, a pedagogia da alternância também me permitiu continuar no meu território, na minha comunidade junto à minha família, em sua dinâmica e vida camponesa.

Mesmo viajando consideravelmente, principalmente para o território do Agreste Central de Pernambuco, que escolhi para viver com meu companheiro e onde encontrei diversas oportunidades de trabalho no campo da Agroecologia, não perdi o vínculo com minha família e território no Sertão do Pajeú. A partir disso, cada ano organizou-se e estruturou-se com base em um eixo e um objetivo metodológico orientador, que nortearam a

⁸ A vivência universidade aconteceu em semanas alternadas ao longo do semestre, em regime integral.

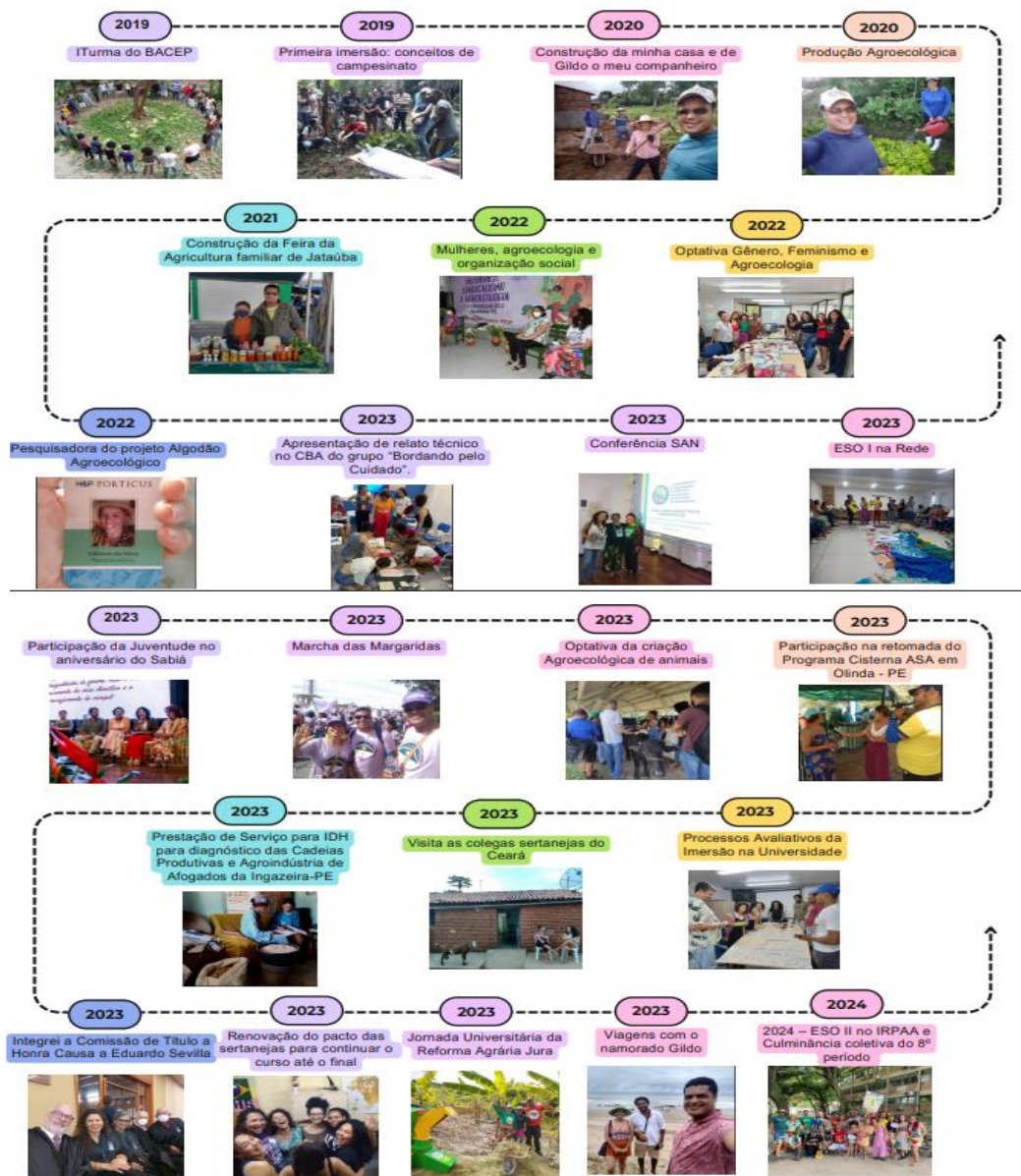
⁹ A vivência realidade/campo foi realizada após cada vivência universidade, com um conjunto de atividades orientadas pelo coletivo docente do semestre.

organização pedagógica de todos os períodos. Devido à pandemia da Covid-19¹⁰, nosso calendário foi alterado, passando de semestres para quadrimestres a partir de 2021.

2.2 Semeando, Cuidando e Colhendo Flores e Frutos - a construção dos conhecimentos agroecológicos na teoria e na prática

A seguir na figura 4, apresento minha linha do tempo trazendo algumas experiências vivenciadas durante este período, que marcaram minha trajetória no curso, na vida pessoal e na militância.

Figura 4: Linha do tempo de Tatiane Faustino no Bacep



Fonte: de autoria (2024)

¹⁰ Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), a COVID-19, é uma doença causada pelo SARS-CoV-2 e que teve origem em Wuhan, China, no final de 2019, foi declarada como a sexta emergência de saúde pública que exigiu atenção e isolamento social. (OMS 2020).

A partir dessas vivências, compartilharei algumas análises e abordarei três temáticas de forma mais aprofundada sobre: Agrobiodiversidade, Mulheres Camponesas e Juventudes, e farei reflexões sobre os Estágios Obrigatórios Supervisionados (ESO) I e II. Destacando a importância de cada uma dessas temáticas no meu processo de formação será apresentada a seguir.

2.2.1 Sementes: vegetais e animais, bens comuns dos camponeses e das camponesas

A agrobiodiversidade foi o tema que mais me encantou durante todo o curso, especialmente devido a minha identidade camponesa, e pelas sementes representarem um elo essencial por ser o principal recurso para a agricultura e crucial para a produção de alimentos, geração de renda, e para a Segurança e Soberania Alimentar e Nutricional.

Assim como os camponeses e as camponesas, a agrobiodiversidade nos agroecossistemas foi um elemento muito presente em todos os períodos do curso. Vou compartilhar algumas reflexões sobre os diferentes usos nos agroecossistemas a partir dos subsistemas visitados. Primeiramente, abordarei a parte conceitual e, em seguida, abordarei algumas dimensões estudadas e vivenciadas, especialmente nas temáticas: Agrobiodiversidade, Processos Participativos de Melhoramento Genético de plantas e Usos Florestais e Silvicultura, acontecidos em diferentes semestres do curso.

A autora Juliana Santilli (SANTILLI, 2009), define que a agrobiodiversidade é essencialmente moldada pela intervenção humana nos ecossistemas, refletindo a sua inventividade e criatividade na relação e interação com o ambiente natural. Os processos culturais, os conhecimentos, práticas e inovações agrícolas desenvolvidas e compartilhadas pelos agricultores/as, desempenham um papel fundamental nessa diversidade. As práticas de manejo, cultivo e seleção de espécies desenvolvidas pelos agricultores e agricultoras têm sido responsáveis pela imensa variedade de plantas cultivadas nos sistemas agrícolas, desde o início da agricultura. Por isso, os contextos, processos e práticas culturais e socioeconômicas também influenciam e moldam a agrobiodiversidade.

Santilli ainda reforça que a agrobiodiversidade se refere à ampla variedade de vida biológica encontrada nos ecossistemas utilizados para cultivo e criação. Isso engloba não apenas as diferentes espécies e variedades/raças/ecotipos de plantas para o cultivo e animais de criação e a diversidade de ecossistemas agrícolas ou cultivados, mas também o modo como as terras, a água e toda a vida biótica são manejados. Com isso, ela traz o conceito de agrodiversidade.

No terceiro período, estudamos os diferentes subsistemas dos agroecossistemas camponeses, que compreendem um conjunto de atividades realizadas, planejadas, geridas e manejadas pelas famílias. Esses subsistemas são organizados e planejados em diferentes espaços de produção, sendo uma das dimensões da agrobiodiversidade.

No Sertão e no Agreste podemos observar nos agroecossistemas familiares os subsistemas mata, capoeira, quintal, terreiro, casa, os animais (incluindo os currais, pastagens e outros), a área de cultivo de sequeiro com suas plantas forrageiras, o rio, entre outros. A partir desses espaços, aprendemos que a agrobiodiversidade é cultivada e manejada para diversos usos.

O quintal produtivo, por exemplo, é o espaço que apresenta uma diversidade de espécies de plantas, incluindo as frutíferas, as gramíneas, as ornamentais, as medicinais, sejam nativas ou exóticas e para diferentes usos, tais como alimentação humana, alimentação animal, comercialização, saúde, sombra, abrigo para as aves e embelezamento.

As plantas ornamentais desempenham o papel de enfeitar o terreiro e a vida das pessoas que o manejam, enquanto as plantas medicinais são importantes para a manutenção da saúde. Quanto aos animais, como galinhas e porcos, são destinados principalmente para a alimentação da família, mas também para geração de renda.

Graciete Santos (SANTOS, 2015), destaca que a experiência das mulheres cultivarem nos quintais é bastante antiga e está relacionada ao lugar de gênero construído culturalmente e destinado às elas na agricultura de base familiar, sendo considerado “coisa de mulher” por muito tempo.

No entanto, historicamente é um lugar pouco valorizado, é considerado o lugar das “miúncas”, dos animais pequenos, da “pouca produção”, sem valor comercial, da terra mais dura - sem acesso a água, a créditos e as tecnologias.

As mulheres camponesas agroecológicas, ao longo dos anos, foram aprimorando e melhorando os espaços dos quintais e passaram a chamá-los também de Quintais Produtivos Agroecológicos. É nesse lugar onde muitas mulheres se “vestem de luta” e tem afirmado esse espaço como lugar de autonomia, da renda, da segurança alimentar e nutricional, das tecnologias sociais, da convivência com o semiárido e dos enfrentamentos às violências e ao machismo, trazendo como princípios a agroecologia e a igualdade de gênero.

No roçado, observamos uma menor diversidade de espécies, mas uma maior variabilidade, especialmente em relação a milhos, feijões e jerimuns. Além disso, tivemos a oportunidade de conhecer roçados mais comerciais, como os consórcios agroecológicos de algodão em Ouricuri-PE e a produção de morango orgânico no Brejo da Madre de Deus-PE.

Nas imersões pelos sertões do Araripe e Sertão do Pajeú, no 6º período, três experiências me chamaram mais a atenção pelos diferentes usos da agrobiodiversidade. Silvanete e Vilmar se dedicam à extração de óleos essenciais de plantas da caatinga e exóticas, produção de alimentos para a família e de adubadeiras para o solo, além de estarem envolvidos na produção de “água”, madeira e na criação de abelhas nativas. Eles utilizam esses espaços também para práticas educativas na implantação de Sistemas Agroflorestais (SAFs).

Nazilda e Felícia, por sua vez, aproveitam as frutas nativas da região e outras provenientes de subsistemas de famílias da comunidade para produzir fermentados (vinhos), doces, geleias e licores. Elas vendem seus produtos em sua loja Adega "Vinho e Prosa", que faz parte da rota turística de Triunfo - PE.

Dona Gerlande do município de Flores - PE cria vários animais em seu quintal produtivo, incluindo galinhas, perus, coelhos, guinés, gansos, porcos, patos e preás da Índia, para a produção de carnes destinadas à comercialização de alimentos típicos da região e petiscos comercializados no seu restaurante e bar.

A partir dos diversos subsistemas, como quintal, criação animal, SAF, roçados e outros, nos agroecossistemas, percebemos uma grande agrobiodiversidade de espécies vegetais e animais voltadas para a segurança alimentar e a geração de renda, como pode ser visto na Figura 5.

Figura 5 - Exemplos de Agrobiodiversidade vegetal e animal encontradas nos agroecossistemas



Fonte: Arquivo pessoal (2019) e (2023).

Além disso, aprendemos que as famílias têm estratégias importantes para a conservação dessas agrobiodiversidade, as quais são chamadas de sementes crioulas (animal e

vegetal). Segundo Maitê, Ana e Frei Sérgio (Maronhas, SILVA & GORGEN, 2021, p. 685), o termo Semente Crioula:

Faz referência a uma grande diversidade de espécies que foram selecionadas, cuidadas, melhoradas e preservadas pelos seres humanos e que hoje se encontram nas mãos de agricultoras e agricultores camponeses, diversos povos indígenas e comunidades tradicionais, como quilombolas, vazanteiros e outros, que são também guardiãs e guardiões de sementes.

No quinto período, aprofundamos a temática dos processos participativos de melhoramento genético de plantas, o que nos permitiu estudar mais profundamente a conservação das sementes crioulas e suas importâncias.

Para entender mais, estudei a experiência do Banco de Sementes Comunitário da Comunidade de Retiro do Município de São José do Egito-PE, que foi implantado pela CMN e Articulação no Semiárido (ASA), em 2015, para ampliar a proposta de convivência com o Semiárido através do Programa de Formação e Mobilização Social para a Convivência com o Semiárido: Manejo da Agrobiodiversidade - Sementes do Semiárido.

Este programa tem na sua concepção estratégias de resgate e valorização do patrimônio genético, através do fortalecimento das práticas já existentes de auto-organização comunitária. Segundo Lourdes, uma guardiã de sementes, “o programa reforça a cultura do estoque das sementes crioulas e o melhoramento genético das sementes a partir de processos participativos comunitário”.

Na imersão pelo Agreste Meridional de Pernambuco conhecemos outra experiência que se organiza coletivamente na Rede de Sementes Crioulas do Agreste Meridional de Pernambuco (SEMEAM). Esta rede, segundo Cavalcante e outros (2022), surgiu em 2015, após a realização da 1ª Feira de Troca de Sementes Crioulas do Agreste Meridional de Pernambuco. Seu objetivo é articular instituições e indivíduos envolvidos no fortalecimento das sementes crioulas, especialmente no Agreste Meridional de Pernambuco, sendo uma iniciativa sociotécnica composta por agricultores/as da Agricultura familiar camponesa, representantes de organizações sociais e profissionais (extensionistas), estudantes e professoras/es. Foi criada a partir da proposta do serviço de assistência técnica e extensão rural do Instituto Agrônomo de Pernambuco (IPA) por meio do Grupo de Estudos, Sistematização e Metodologia em Agroecologia (GEMA). A Rede busca sensibilizar agricultores/as e comunidades rurais para resgatar, conservar e manejar a agrobiodiversidade e as sementes crioulas locais, promovendo eventos, apoiando bancos familiares e comunitários de sementes e participando de espaços de formulação de políticas públicas sobre o tema.

Assim percebemos durante as imersões (presenciais e virtuais) a diversidade ecológica relativa aos subsistemas, a diversidade de espécies e a diversidade genética nos agroecossistemas por onde andamos. A diversidade ecológica está presente nos roçados, nos quintais, no pasto, na mata, no rio, nas agroflorestas, com um grande número de espécies vegetais e animais para diferentes usos (alimentação, ornamentais, medicinais, etc.); e uma diversidade genética presente, em geral, nas espécies de plantas cultivadas, como o milho, o feijão, o jerimum e suas variedades.

Nos diálogos, percebemos vários fatores que influenciam uma maior ou menor agrobiodiversidade, nas suas diferentes dimensões, nos agroecossistemas familiares destes territórios. A agrobiodiversidade presente nos subsistemas pode ser mudada de acordo com os interesses da família naquele momento, por exemplo, inicialmente o quintal produtivo da minha família só tinha duas culturas quiabo e pimentão (culturas comerciais) e hoje tem 63 espécies. Pode também deixar de ser manejada pela família ou pode ser incrementada, em função de uma nova conformação socioeconômica dos agroecossistemas. As causas destas mudanças estão relacionadas com:

- As chuvas insuficientes ou irregulares que limitam a produção de alimentos e a criação e reprodução dos animais e comprometem o manejo da agrobiodiversidade.
- A Segurança alimentar - a variabilidade vegetal e os animais têm uma relação com hábitos alimentares e com os sonhos e planejamentos dos membros da família.
- O acesso a ATER - Os processos de extensão rural vivenciados pelas famílias foram fundamentais para instigar e refletir sobre a importância da agrobiodiversidade, contribuindo para o seu aumento em prol da segurança alimentar, geração de renda e valorização do trabalho das mulheres.
- O acesso a políticas públicas como o PAA e o PNAE que incentivaram o cultivo de determinadas espécies em função da sua importância alimentar no contexto destas políticas;
- A especialização dos subsistemas, com plantas com valor comercial e os pacotes tecnológicos associados a elas, principalmente em áreas de perímetro irrigado nas regiões semiáridas.

Algo importante a considerar é a relação entre o manejo da agrobiodiversidade e o gênero, onde as plantas e animais cultivados/criados e destinados aos cuidados estão mais associados às mulheres, enquanto as plantas e animais comerciais, estão mais ligados aos homens.

Outro aspecto interessante é a origem da agrobiodiversidade, onde as famílias buscaram utilizar através das trocas, vendas e doações de variedades/raças animais e vegetais que apresentam características de adaptação aos seus territórios, evitando a especialização dos seus subsistemas.

Observamos também uma grande estratégia camponesa coletiva para a conservação dos seus saberes ancestrais e dos seus patrimônios genéticos, fazendo com que as famílias busquem resgatar e conservar as espécies e variedades mais adaptadas nas casas de sementes, tendo, conseqüentemente uma diversidade de espécies disponíveis, conferindo à comunidade certa autonomia em relação às variedades convencionais (encontradas nos mercados ou doadas pelo governo).

A diversificação da produção, as trocas e as doações de sementes propiciam uma maior riqueza de agrobiodiversidade, o que tem sido fundamental para uma maior resiliência diante das adversidades climáticas e mudanças climáticas.

A construção do conhecimento sobre a agrobiodiversidade pelas camponesas e os camponeses reflete e traz lógicas muito importantes: A relação do saber, aprender e reproduzir com as necessidades da vida no seu território, abrangendo aspectos como: nutrição, geração de renda, beleza, afeto, religiosidade, saúde e felicidade. Percebe-se uma paciência na construção de saberes, a partir do exercício da experimentação, respeitando os tempos da natureza para o preparo do solo, a semeadura, o manejo, a colheita, o armazenamento e o preparo.

Algo muito valioso aprendido durante o curso sobre a agrobiodiversidade é que no ato de se alimentar, natureza e cultura se integram. Os alimentos não são apenas meios para saciar a fome, mas são condicionantes culturais e sociais. Eles trazem as dimensões cognitivas e afetivas expressas nos hábitos alimentares, nas comidas típicas, definidos pelo jeito de produzir, colher e cuidar das plantas e animais, bem como pelos conhecimentos desenvolvidos e aprendidos a partir da experimentação, observação e interpretação dos ciclos da natureza pelas camponesas e camponeses.

A preservação das sementes é ameaçada quando as populações que as conservam se encontram vulneráveis às pressões exercidas pelos interesses ligados ao mercado, as mudanças climáticas e a degradação dos agroecossistemas e ecossistemas. A conservação da agrobiodiversidade vegetal e animal é muito importante para a sobrevivência dos camponeses e das camponesas, pois assegura uma grande diversidade voltada para a sua segurança alimentar, a autonomia e a economia (monetária e não monetária), tendo muita relação com as tradições e a cultura, sendo seus bens comuns.

2.3 Mulheres Camponesas, corpos-territórios: agroecologia e organização social

Desde o princípio, minha fala e postura no curso foi de refletir, evidenciar, questionar e pensar sobre as mulheres camponesas dentro da Agroecologia, já que boa parte da minha trajetória de vida foi nessa militância. Mas, durante o curso, pudemos aprofundar mais, em dois momentos específicos sobre isso, a partir da temática Feminismo no 4o período e da disciplina optativa Gênero, Feminismo e Agroecologia, no 7o período.

Carmen Silva (SILVA, 2010, p.26) afirma que “o feminismo é um apoio à dimensão individual da emancipação, à auto constituição como sujeito da própria vida, e, ao mesmo tempo, um instrumento para o enfrentamento coletivo da dominação e exploração das mulheres”. Vimos na teoria e na prática que o campesinato traz na sua centralidade a família, a terra e o trabalho e, pensando nesse tripé, quero refletir sobre algumas questões pertinentes às condições das mulheres no campo, percebidas durante os estudos das Vivências Realidade-campo e nas Imersões.

As mulheres camponesas têm um papel crucial na terra, na reprodução de suas vidas e modos de existência. No entanto, o acesso à terra e ao poder de decidir não é uma realidade para a maioria. De acordo com Juliana Aguilera (AGUILERA, 2022), o último Censo Agropecuário Brasileiro, apenas 12,7% dos títulos de terras estão em posse das mulheres. Essa baixa representatividade na propriedade de terras resulta em uma situação em que as mulheres ficam privadas do direito de usar e gerenciar o território, o que as torna dependentes dos proprietários de terras. Essa dependência tem impactos negativos significativos em sua independência financeira, qualidade de vida e capacidade de exercer plenamente sua cidadania.

Historicamente, a economia, o trabalho, os saberes das mulheres (em suas diversidades pretas, brancas, indígenas, lésbicas e trans) têm sido invisibilizados e desvalorizados, sendo muitas vezes rotulados e considerados ou chamados de “ajuda”, embora as mulheres camponesas assumam um papel econômico, social e político fundamental para a reprodução social da agricultura familiar camponesa.

Não podemos negar nem invisibilizar a fala das mulheres sobre seus contextos de desigualdades. Durante as Imersões pelos territórios, elas nos ajudaram a refletir sobre a injusta divisão sexual do trabalho, as violências de gênero sofridas, a violência patrimonial, a violência sexual, o racismo e tantas outras violências acontecidas no espaço familiar e fora dele. Por isso a agroecologia e o feminismo são fundamentais para combater essa condição, ajudando na superação e promovendo uma vida livre de opressão e com igualdade no campo.

Na Vivência Realidade-campo e na disciplina optativa, com a Professora Laeticia Jalil que é uma referência nos estudos de gênero, feminismo e agroecologia, experimentamos metodologias e estratégias inspirando nas teorias e práticas feministas, para refletir e perceber esses contextos através de ferramentas participativas. Por exemplo, utilizamos o relógio do tempo, a caderneta agroecológica¹¹ e o mapa do agroecossistema para identificar os subsistemas geridos e manejados pelas mulheres. Na Figura 6 podemos observar o uso dessas ferramentas que valoriza a partilha de saberes e histórias, a escuta e, sobretudo, para pensar a situação vivida por elas a partir das suas realidades.

Figura 6 - Uso de ferramentas participativas na optativa Gênero, Feminismo e Agroecologia



Fonte: Arquivo Bacep (2023).

Nas Culminâncias¹² das Sertanejas, o meu grupo de território no curso, trouxe como grande mote de fundo “as Corpos-Territórios”, em alusão às mulheres e resgatando a metáfora do “corpo-território” das pensadoras indígenas feministas comunitárias refletiu Lorena Cabnal e Adriana Guzman (CABNAL, 2010; GÚZMAN, 2019).

O convite deixado pela proposta corpo-território é olhar para os corpos como territórios vivos e históricos que remetem a uma interpretação cosmológica e política onde habitam nossas feridas, memórias, saberes, desejos, sonhos individuais e comuns e, por sua vez, convida a olhar para os territórios como corpos sociais que estão integrados à teia da

¹¹A Caderneta Agroecológica é uma ferramenta importante para monitorar a renda das mulheres. Contribui para discutir a produção e a renda monetária e não monetária, mas também a auto organização e a gestão, possibilitando o empoderamento econômico e político.

¹² Processo lúdico de síntese de aprendizagens que acontece no final de cada período do Bacep.

vida e, portanto, nossa relação com eles deve ser concebida como um “acontecimento ético” entendido como uma irrupção diante do outro. (HERNÁNDEZ, 2017).

Trouxemos as histórias e as racionalidades das mulheres camponesas a partir dos nossos corpos, reconstruindo e descrevendo através de diferentes formas de expressão artística, as sabedorias e também as opressões que o capitalismo ativou contra nós mulheres, conforme mostrado na Figura 7. Assim, anunciamos e denunciemos as violências que atravessam o corpo-território das mulheres rurais.

Figura 7: As diferentes formas de expressão artística das Culminâncias das Sertanejas



Fonte: Arquivo Bacep (2019/2023).

Por outro lado, pudemos ver, escutar e conversar com mulheres camponesas durante todo o curso, Michele Aragão convidada especial da disciplina optativa, nos ajudou a refletir sobre as mulheres como campo e corpo de resistência, como corpo e suas potências, como corpo empoderado para agir nos etnoagroecossistemas, como corpo para transformar a si mesmas e o seu redor, assim como, corpo político para além da casa (no espaço urbano e rural).

Finalmente, escutamos e dialogamos com os corpos e experiências de mulheres fortalecidas a partir da agroecologia e do feminismo nas participações especiais de Elisa Pankararu (ativista indígena da etnia Pankararu), Elizete Maria (mulher camponesa) militante do Movimento da Mulher Trabalhadora Rural do Nordeste (MMTR-NE), e Itanacy Oliveira (mulher negra e educadora da CMN), nas suas lutas nos movimentos e nas organizações combatendo e exigindo um fim às violações e violências sofridas nos seus cotidianos,

afirmando também que "Sem feminismo, Sem as Mulheres Negras, e Sem as Mulheres Camponesas e Indígenas, não há Agroecologia!

2.3.1 Do Roçado ao Bordado - Bordando arte, educação e subjetividades

De modo especial participei do projeto de extensão universitária “Bordando pelo Cuidado - Agroecologia e arte-educação em tempos de pandemia, proposta educativa do BACEP, iniciada em 2020 com a pandemia da Covid 19, quando a universidade estabeleceu o isolamento social. O projeto foi uma iniciativa de um dos grupos de autogestão do curso - Cuidados e Infraestrutura, com o intuito de estabelecer relações de cuidado no contexto de distanciamento social fazendo uso do bordado como mediador.

O tema das mulheres foi o que mais emergiu nas reflexões e bordados trazendo suas experiências territoriais, manifestando-se através de desenhos, pontos, tecidos, linhas e poesias, conforme mostrado na Figura 8. Assim, resignificamos o bordado como linguagem expressiva a partir das lutas feministas, conectando heranças do passado, vivências do tempo presente e aspirações-vontades para o futuro, humanizando nossas ações e expressamos nossas necessidades para além da mera ornamentação dos bordados tradicionais.

Os bordados políticos nos permitiram expressar e materializar as subjetividades, passando a denunciar violências e violações vividas pelas mulheres, rompendo com padrões e sentidos somente do que é belo, e trazendo suas falas como sujeitos políticos.

Figura 8: Bordados políticos para evidenciar as mulheres camponesas nos agroecossistema e nas lutas nos territórios



Fonte: Arquivo do Grupo Bordando Pelo Cuidado da UFRPE (2021 e 2022).

Para aprofundar mais ainda o tema do feminismo e agroecologia, fui vivenciar no 7º, o ESO, na ONG Rede de Mulheres Produtoras do Pajeú, em Afogados da Ingazeira, PE. Durante essas experiências, pude conhecer de perto suas realidades, integrando os conhecimentos adquiridos ao longo do curso. Dessa forma, o estágio desempenhou mais um papel crucial no percurso de formação que conectou teoria e prática.

2.3.2 Ater feminista e Agroecológica em Rede

No ESO I pude aprofundar questões sobre Ater feminista e agroecológica junto a Rede de Mulheres que articula processos educativos não-formais para a construção da agroecologia, da educação popular, da economia solidária e do feminismo. A Rede de Mulheres Produtoras do Pajeú tem como principais bandeiras de lutas o Feminismo, a Agroecologia, a Economia Solidária, a preservação do meio ambiente, a busca por uma divisão justa do trabalho doméstico, a defesa dos direitos das mulheres, a luta pelo fim de todas as formas de violência contra as mulheres, bem como o acesso a créditos oficiais e mercados de comercialização.

O estágio na Rede proporcionou uma compreensão abrangente em quatro dimensões: Primeiramente, destaca-se o papel crucial das mulheres camponesas na produção agroecológica e na preservação do bioma Caatinga. Em segundo lugar, a assessoria feminista com abordagem agroecológica desempenha um papel significativo na promoção da sustentabilidade das mulheres, reconhecendo-as como produtoras de conhecimento capazes de influenciar mudanças em várias esferas, seja privada ou pública.

A terceira dimensão enfoca a importância da atuação da Rede na organização das mulheres para incidência política em prol de um modelo socioambientalmente sustentável para a região. Por fim, a auto-organização das mulheres em rede, sob a perspectiva de economia solidária, agroecologia e feminismo, fortaleceu-as como sujeitos políticos e contribuiu para práticas mais sustentáveis e fortalecimento social, político e econômico.

Deste modo, as aprendizagens percebidas foram que os processos educativos realizados pela assessoria considera as várias dimensões da vida das mulheres e não só do trabalho e da auto organização, trazendo para o centro uma metodologia circulante entre os saberes das mulheres em suas comunidades e a assessoria técnica.

Onde se desafia a elaboração de propostas metodológicas que favoreçam a construção e a escuta para, a partir dos conhecimentos diversos (técnicos/tradicionais) em diálogo crítico com a realidade, que cria uma ecologia de saberes entre assessoria técnica - técnica (educadoras) e as mulheres nas suas comunidades.

Outra grande aprendizagem foi perceber que a sua ação em rede não é somente com as mulheres camponesas e urbanas, mas também com os movimentos sociais do território, do estado e do Brasil. Em rede articulam politicamente a agenda da agroecologia como bandeira de luta e a percebem como um jeito de ser, viver e produzir.

3 AS JUVENTUDES CAMPONESAS SÃO AS SEMENTES DA TRANSFORMAÇÃO: ATUANDO COMO EDUCADORA COM AS JUVENTUDES

A questão das Juventudes é, sem dúvida, a mais marcante nos últimos sete anos da minha vida. Eu a vivenciei por meio da CJMA, que representa meu elo com os movimentos de juventudes agroecológicas, onde participei de diversos processos formativos, tornando-me uma referência. Isso se deve à minha atuação enquanto jovem camponesa na produção e na comercialização, e pelas reflexões levadas a partir da academia, tais como, o campesinato.

O tema da juventude chegou à minha vida em 2017 através do meu companheiro Gildo, que faz parte da CJMA. Eu já o conhecia do movimento de Convivência com o Semiárido, e éramos colegas de profissão e egressos do SERTA. Ele me convidou para integrar esse coletivo, no qual estou até hoje.

Assim como as mulheres, as juventudes camponesas também foram invisibilizadas pelos movimentos sociais e nos agroecossistemas, e só há bem pouco tempo que isso vem mudando. Enquanto o trabalho das mulheres é frequentemente rotulado como “ajuda”, o trabalho das juventudes não é percebido nem reconhecido. A maioria dos jovens é vista como pessoas que não contribuem e que não “fazem nada” nos sítios das famílias.

Eliza Castro (CASTRO, 2009) afirma que é preciso reconhecer que existe uma forte invisibilidade das juventudes rurais no Brasil. Essa invisibilidade se configura de maneiras diversas, desde os estereótipos que foram dados ao “mundo rural” ao longo do tempo, até a deslegitimação que os adultos, em geral, perpetuam com relação a estes sujeitos. Muitas vezes, eles/as não têm autonomia na unidade familiar e tão pouco na sociedade. Além disso, são inúmeros os desafios vivenciados pelas juventudes do campo e da cidade nos seus territórios e, em Pernambuco, isso não é diferente.

As juventudes camponesas agroecológicas têm construído outras narrativas, e é com elas que estamos aprendendo. Nesse coletivo, tive a oportunidade de aprender muito, tanto refletindo sobre minha própria experiência, quanto com as vivências de outras juventudes camponesas que conheci e reencontrei no Bacep e nas Imersões realizadas nos territórios, e

no trabalho que realizei para a ASA no Projeto Daki¹³ - Semiárido Vivo Iniciativa de Conhecimento sobre Adaptação de Terras Secas no 3º Programa de Formação em Agricultura Resiliente ao Clima - Juventudes, que teve como objetivo identificar experiências das juventudes, visibilizar, experimentar em larga escala e apoiar na articulação e promoção de políticas públicas.

Neste projeto participaram jovens camponeses(as) dos estados de Pernambuco, Alagoas, Paraíba, Sergipe, Maranhão, Ceará, Piauí, Bahia, Rio Grande do Norte e mais três países da América Latina, Guatemala, El Salvador e Argentina. As formações foram *online* e depois aconteceu o encontro presencial, como pode ser visualizado Figura 9, através do Intercâmbio de Saberes nos Semiáridos da América Latina nos estados da Paraíba e Pernambuco.

Figura 9: Intercâmbio de Saberes nos Semiáridos da América Latina no estado de Pernambuco



Fonte: Arquivo do Daki (2023).

Durante esse trabalho de educação não-formal em agroecologia onde, desta vez, atuei como educadora, pude colocar em prática minha experiência trazida do movimento feminista

¹³ “DAKI é um projeto que teve como objetivo contribuir no enfrentamento às mudanças climáticas a partir de processos de sistematização, formação e intercâmbio entre técnicas/os e agricultoras/es em três regiões semiáridas da América Latina: Corredor Seco Centroamericano (CSC) Grande Chaco Americano (GCA) e Semiárido Brasileiro (SAB). É uma iniciativa apoiada pelo FIDA e realizada por duas redes de organizações da sociedade civil que atuam nessas regiões: a Articulação Semiárido Brasileiro (ASA) e a Plataforma Semiáridos da América Latina” (DAKI, 2023, p.2).

e dos aprendizados com as ferramentas de diagnóstico rural participativo (DRP) que aprendi durante o curso.

Nos intercâmbios realizados durante o Projeto construímos mapas do agroecossistema e a linha do tempo com o objetivo de visibilizar a contribuição e o trabalho das juventudes camponesas nos seus locais de vida e trabalho. Valorizando a comida tradicional das suas comunidades e os/as artistas locais, bem como pagando valores justos pelos seus trabalhos. Chegamos a conclusão que é preciso considerar as questões das juventudes rurais para garantir a sobrevivência do campesinato no semiárido.

Muitas questões foram percebidas, apontadas, debatidas e discutidas sobre o que pode contribuir para a permanência dos jovens no campo e para a sucessão rural. As experiências conhecidas durante o intercâmbio demonstram alternativas sociais, educacionais e econômicas que estão sendo (re)criadas pelos/as jovens camponeses/as, que envolvem processos de Educação em Agroecologia, organização comunitária das juventudes, formação política, geração de renda, acesso à comercialização e a créditos (através de Fundo Rotativo Solidário e créditos institucionais), sementes crioulas (vegetais e animais), mecanização do trabalho, cultura, arte e políticas públicas numa perspectiva de Convivência com os seus territórios.

3.1 Para Viver no Semiárido é preciso aprender a Conviver

No ESO II aprofundi as questões sobre a convivência com o semiárido e a agroecologia. A partir da experiência e das lições aprendidas/vivenciadas é possível observar que tem uma lógica e planejamento para viver e reproduzir seu modo de vida camponês, na região semiárida.

Escolhi vivenciar o estágio na ONG Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada (IRPAA) sediada em Juazeiro-BA. Essa organização há 33 anos vem construindo práticas de Convivência com o Semiárido a partir de ações que respeitam as características do povo e das terras da região do São Francisco baiano. Tem como missão: “a formação e valorização da pessoa humana, através da consolidação da Convivência com o Semiárido, visando alcançar o Bem Viver e plena qualidade de vida” (IRPPA, 2023).

Durante o estágio, a atividade mais intensa ocorreu na República de Estudantes, situada no Centro de Formação Dom José Rodrigues, que apóia e forma jovens filhos de agricultores, oferecendo acesso à educação escolar e formação voltada para a Convivência com o Semiárido desde 1993.

Atualmente apoiam 7 estudantes bolsistas de diferentes cursos. Além dos cursos da educação formal pública, os jovens recebem formações específicas sobre Convivência com o Semiárido, formação humana, política/cidadã e práticas agropecuárias apropriadas, por meio de oficinas, intercâmbios, cursos e seminários.

Envolvemo-nos diariamente junto às juventudes na manutenção e manejo dos subsistemas na produção de alimentos agroecológicos, criação e cuidado com os animais, na República dos Estudantes. Percebemos que assim aprendendo as possibilidades da Convivência com o Semiárido, os/a jovens não perdem a vivência prática na agricultura, já que o trabalho rural é um elemento tão presente no cotidiano das suas famílias.

A instituição oferece um empréstimo (fundo rotativo¹⁴) da metade do valor para os jovens tirarem a habilitação (carteira de motorista). Assim, quando terminam seus cursos, já estão prontos para atuar nas organizações não-governamentais, centros comunitários, sindicatos, entre outros espaços de organização social que atuam na consolidação da proposta de Convivência com o Semiárido.

Nas visitas técnicas conhecemos dois coletivos: um que se organiza enquanto Grupo de Mulheres da Comunidade Quilombola de Pau Preto que estão organizando sua produção de licores, doces e biscoitos em unidade de beneficiamento coletiva no município de Juazeiro-BA. E outro, no município de Sento-Sé - BA, a Associação de Apicultores das comunidades de Andorinhas e Tapera, onde também fizemos a apresentação do projeto “Agenda 2030”. Nas visitas pudemos contribuir como apoio pedagógico na construção da mística, linha do tempo, na FOFA e avaliação. Nessas visitas percebi o quanto nossa formação é atual e está em consonância com as práticas da organização.

Durante nossa jornada, tivemos a oportunidade de visitar dois importantes espaços de comercialização: a Central Caatinga e a Feira Agroecológica, localizados na Orla de Juazeiro-BA, enquanto a feira representa um espaço para comercialização da produção sazonal além de artesanatos, a Central Caatinga se destaca como uma vitrine que exhibe e comercializa os produtos beneficiados provenientes da agrobiodiversidade da Caatinga. Ficamos verdadeiramente impressionadas com o potencial da região e com a organização das famílias em cooperativas, as quais desempenham um papel fundamental no beneficiamento da produção local.

Essas visitas nos proporcionaram uma visão mais ampla e inspiradora das oportunidades econômicas e sociais presentes na região, além de reforçar a importância do

¹⁴O Fundo Rotativo é um recurso que circula entre todos os participantes, sendo devolvido posteriormente para que outros jovens possam acessá-lo.

trabalho colaborativo e da valorização dos recursos naturais para o desenvolvimento sustentável do Semiárido.

Na vivência com Ana e Anselmo (moradores do IRPAA), tivemos a oportunidade de colaborar no planejamento de uma agrofloresta. Esse momento foi verdadeiramente especial, pois nos permitiu agir como educadoras.

Eu e Caroline¹⁵ priorizamos a participação da família, trabalhando em conjunto para diagnosticar, redesenhar, planejar e avaliar a agrofloresta, visando construir ações viáveis na área. Levamos em consideração as necessidades específicas da família, sua realidade financeira, o tempo e insumos disponíveis, as relações de gênero, o tamanho da família e a disposição para experimentação, resgate ou ampliação das práticas agroecológicas, no final da atividade realizamos avaliação, como podemos ver na Figura 10.

Essa abordagem inclusiva e colaborativa não apenas garantiu que as ações planejadas fossem adaptadas às necessidades e realidade da família, mas também fortaleceu suas práticas agrícola e familiar em direção a certificação orgânica participativa, no qual o planejamento das ações é um elemento importante nesse processo.

Figura 10: Planejamento participativo de uma agrofloresta junto a Família de Ana e Anselmo



Fonte: Arquivo pessoal (2024).

O estágio proporcionou uma experiência cheia de fascínio e de muito encantamento e reencantamento pelo Semiárido, pela nossa Caatinga, bioma singular e genuinamente

¹⁵ Mulher negra, quilombola, mãe de Lucas e minha comadre e colega de turma.

brasileiro. Percebemos um lugar cheio de recursos naturais e possibilidades, uma região que se distingue das demais do Brasil, mas que oferece um potencial para o bem viver. No entanto, para isso é fundamental aprender a conviver com sua diversidade climática característica da região, onde as chuvas são irregulares, com períodos longos de estiagens e solos em condições diversas, além das questões sociais, políticas e histórico da formação e ocupação desse território.

A coexistência nesse contexto semiárido carece de técnicas de produção e tecnologias sociais apropriadas ao clima, assim como, também é preciso ter acesso justo às terras e recursos hídricos, além da implementação de políticas públicas direcionadas para atender às necessidades da região e assegurar a permanência dos povos do semiárido. Esse processo demanda um compromisso contínuo com a sustentabilidade ambiental e social, bem como um entendimento profundo das particularidades e desafios enfrentados pelas famílias camponesas.

4 CULTIVANDO AGROECOLOGIA E EDUCAÇÃO POPULAR NOS TERRITÓRIOS CAMPONESES

Já tendo chegado ao Bacep como uma educadora popular, hoje, após diversas construções coletivas, me sinto uma mulher jovem, militante, camponesa, educadora e estudante do Bacharelado em Agroecologia na UFRPE, uma universidade pública. Me percebo como uma agroecóloga-educadora substancialmente aprimorada e capacitada para atuar na extensão rural, bem como em diversos espaços de práticas educativas e com um comprometimento sólido com os povos camponeses.

Considero que a agroecologia esteve presente na minha vida desde muito cedo e agora, está de forma mais representada e qualificada na vida profissional. Considerando que o campesinato foi o fio condutor e construtor do conhecimento do nosso curso, desempenhou um papel fundamental como instrumento de reconhecimento e identidade, mas também de formação profissional. Dessa forma, valorizamos e reconhecemos o campo como um território de produção e pulsação de vida a partir destes importantes sujeitos.

Ao concluir o curso e ao longo de toda a minha trajetória, me considerei uma educadora/profissional comprometida, popular, mobilizadora, acolhedora, amorosa, crítica e criativa na transformação da minha realidade social, encarando as relações entre os/as diferentes sujeitos no campo e da cidade e dedicando-me especialmente aos mais excluídos, entre eles as mulheres e as juventudes.

Tenho a consciência que serei, sou e me tornei mais ainda uma educadora que prioriza a participação e a construção coletiva, em vez de simplesmente implementar projetos ou ações prontas, buscando promover ações voltadas para o desenvolvimento sustentável com envolvimento, articulando o local e o global, com o propósito de avançar para a soberania dos diversos povos.

Continuarei conduzindo minhas práticas com base nos princípios da educação popular junto aos diversos sujeitos do campo e da cidade. Me percebo mais apta e capacitada para trabalhar com os povos do campo e comprometo-me a contribuir e desenvolver estratégias coletivas para superar as opressões vividas na realidade, fortalecendo identidades e valorizando os saberes acumulados localmente, além de considerar as subjetividades vivenciadas no cotidiano pelas camponesas e pelos camponeses e a construção histórica do território.

Guiarei minha prática profissional-educadora em Agroecologia, Campesinato e Educação Popular, a partir dos quatro eixos propostos pelo curso: Conhecer, Planejar, Agir,

Avaliar e Sistematizar na facilitação dos processos e na construção dos conhecimentos agroecológicos. Isso a partir de metodologias participativas que instigam o pensamento crítico e a fala, considerando o local/espço de atuação, visando transformar o contexto, além de garantir registro qualificado de todo o processo.

Levo também a compreensão de que as ações devem ser construídas junto às famílias e grupos, para diagnosticar, redesenhar, planejar, agir e avaliar a fim de construir ações possíveis nos etnoagroecossistemas. Considero crucial levar em conta as necessidades, a realidade financeira, o tempo, as relações de gênero, o número de membros da família, bem como, a disposição familiar e grupal para a experimentação, o resgate ou a ampliação das práticas agroecológicas.

No Pós-curso tenho o plano de concluir a construção da minha casa lar e por isso pretendo continuar minha atuação na agroecologia neste ano, contribuindo de forma mais pontual através de consultorias, facilitação de processos educativos e pesquisas de campo e, nos próximos anos, na Ater. Perseguirei meus estudos e, quem sabe, um dia me tornarei uma camponesa educadora de uma universidade pública.

REFERÊNCIAS

- AGUILERA, Juliana. **Mulheres e Terra: Direitos, Lutas e Consequências da Desigualdade no Campo**. Feminismo, Modifica, Jornalismo ecofeminista a favor da justiça socioambiental e climática, 2022. Disponível em: <https://www.modifica.com.br/mulheres-e-terra-direitos-lutas-e-consequencias-da-desigualdade-no-campo/>. Acesso em: 15 jan. 2024.
- BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Agrário e Agricultura Familiar. **Aberta chamada pública de Ater para mulheres rurais**. 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/mda/pt-br/noticias/aberta-chamada-publica-de-aterpara-mulheres-rurais>. Acesso em: 29 jan. 2024.
- BRASIL. Ministério da Agricultura e Pecuária. **Projeto Dom Hélder Câmara**. Disponível em: <https://www.gov.br/agricultura/ptbr/assuntos/mda/projeto-dom-helder-camara>. Acesso em: 29 jan. 2024.
- BRASIL. **Portal Único de Acesso ao Ensino Superior (SISU)**. 2024. Disponível em: <https://accessunico.mec.gov.br/sisu>. Acesso em: 10 fev. 2024.
- CABNAL, Lorena. **Acercamiento a la construcción de la propuesta de pensamiento epistémico de las mujeres indígenas feministas comunitarias de AbyaYala**. In: ACNUR. *Feminismos diversos: el feminismo comunitario*. Asociación para la cooperación con el Sur, ACSUR, Las Segovias, 2010, p. 11-25.
- CAVALCANTE, Rafaela B.; BALENSIFER, Pedro H. de M. & SOUZA, Nayra L. de O. (2022). Rede de Sementes Crioulas do Agreste Meridional de Pernambuco - **Rede SEMEAM: História Trajetória e Atuação**. Brazilian Journal of Agroecology and Sustainability, 4(2). p.73-89
- CASTRO, Elisa. G. *et al.*, **Os jovens estão indo embora?: juventude rural e a construção de um ator político**. Rio de Janeiro: Mauad X; Seropédica, RJ: EDUR, 2009.
- CASTRO, Gigi. **Retalhos da educação contextualizada para convivência com o semiárido sertão do Ceará**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2015.
- CMN. **Casa da Mulher do Nordeste**. Recife, Pernambuco. 2019. Disponível em: <https://www.casadamulherdonordeste.org.br/>. Acesso em: 12 fev. 2024.
- DAKI. **Semiárido Vivo**. Iniciativa de Conhecimento sobre Adaptação de Terras Secas. [Recife], [2023]. 15p.
- FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. Tradução de Kátia de Mello e Silva. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.
- HAESBAERT, Rogério. Do corpo-território ao território-corpo (da terra): contribuições decoloniais. **GEOgraphia**, vol: 22, n. 48, 2020. Disponível em: <https://orcid.org/0000-0002-1345-7654>. Acesso em: 18 jan. 2024.

IRPPA. **Apresentação**. Disponível em <https://irpaa.org/modulo/portugues>. Acesso em: 28 de março de 2024

MALVEZZI, Roberto. **Semi-árido: Uma Visão Holística**. 1. ed. Brasília: Confea, 2007.

MARONHAS, Maitê E. S.; SILVA, Ana C. L.; GORGEN, Frei Sérgio. Sementes. *In*: DIAS, Alexandre P. STAUFFER, Anakeila de B.; MOURA, Luiz H. G. de; VARGAS, Maria C. Dicionário de Agroecologia e Educação. São Paulo: Expressão Popular, 2021. p. 683-692

OMS. World Health Organization. **CoronavirusDisease (COVID19) Pandemic**. World Health Organization, 2020, Disponível em: <https://www.who.int>. Acesso em: 12 jan. 2024.

SANTILLI, Juliana. **Agrobiodiversidade e o direito dos agricultores**. São Paulo, Petrópolis, 2009.

SANTOS, Graciete. **Os quintais produtivos e as mulheres: espaços de construção de autonomia e transição agroecológica**. In MEDEIROS, Alzira J. de S.; DUBEUX, Ana; AGUIAR, Maria V. de A. (org.) Agroecologia na convivência com o semiárido. sistematização de experiências vividas, sentidas e aprendidas. Recife: UFRPE, 2015. p.123 a 141.

SILVA, Carmen. **Experiências em pedagogia feminista**. Recife: SOS CORPO – Instituto Feminista para a Democracia, 2010. 128p.

UFRPE. **Projeto Pedagógico do Curso de Bacharelado em Agroecologia**. Recife, 2023.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. Raízes históricas do campesinato brasileiro. **Agricultura familiar: realidades e perspectivas**, 1999.